

NARRATIVA, EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN

EDGAR SIQUEIRA DO NASCIMENTO¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI²;

¹Universidade Federal de Pelotas – edgar.nascimento@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na crítica ao projeto da modernidade, Walter Benjamin revela com precisão e melancolia o empobrecimento da linguagem expressiva, a árdua tarefa de conectar o presente ao passado e a incapacidade de tecer narrativas e formar laços de coletividade. A experiência transcende o que o senso comum oferece; seu conceito é vasto, complexo e multifacetado, muito além das simplificações cotidianas. É importante refletir sobre como nossas vivências, tanto individuais quanto coletivas, são constantemente moldadas e remodeladas pelas forças sociais e tecnológicas que caracterizam a modernidade. Nesse caminho, as experiências se entrelaçam, revelando a textura rica e intrincada da existência humana, mesmo diante das transformações e desafios do mundo moderno.

Em "Experiência e Pobreza", de 1933, Walter Benjamin descreve a história de um idoso que, antes de falecer, revela aos seus filhos a existência de um tesouro escondido em suas terras. Neste relato, Benjamin posiciona a experiência como um acervo de sabedoria acumulada ao longo da vida, um fruto das atividades vividas e acumuladas com o passar dos anos. Quando os mais velhos transmitem suas vivências aos mais jovens, eles possibilitam a perpetuação da tradição e do conhecimento. Trata-se de uma prática na qual a experiência sempre foi compartilhada com as novas gerações. "De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos." (BENJAMIN, 1994)

2. METODOLOGIA

O conceito de experiência adquire uma dimensão coletiva, e a principal discussão que o envolve é a crítica ao desaparecimento da arte de narrar. Na modernidade, a experiência torna-se cada vez mais rara devido à incapacidade dos indivíduos de relatar eventos memoráveis e ao impacto dos avanços tecnológicos associados ao progresso, o que resulta na diminuição da memória coletiva. Para Benjamin, o narrador é aquele que sabe dar conselhos, pois aconselhar é visto mais como uma oportunidade de continuar contando uma história do que como um guia prático para a vida. A narrativa, portanto, não tem como objetivo informar. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Benjamin estabelece uma distinção clara entre o historiador e o cronista. Para ele, o historiador tradicional não pode simplesmente relatar os eventos sem interpretá-los de alguma forma. A função do historiador é analisar e contextualizar os acontecimentos. Já o cronista, por sua vez, tem o papel de narrar as histórias

cotidianas, mostrando como esses eventos exemplificam o desenvolvimento do mundo. Assim, enquanto o historiador se concentra na interpretação dos fatos, o cronista se dedica a relatar a experiência do cotidiano de maneira mais direta e vivencial. Levando em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. (BENJAMIN, 1994). É o cronista que narra os eventos sem previamente distinguir entre os grandes e os pequenos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao desenvolver suas teorias sobre a história e criticar a ideologia do progresso, Benjamin nos convida a repensar as categorias temporais, desafiando a visão da vida como uma sucessão linear de etapas evolutivas. Ele sugere que devemos considerar a interconexão entre passado, presente e futuro, entendendo que a história não começa em um ponto fixo, mas é constantemente revisitada e recontada. O declínio da arte de narrar está ligado à perda gradual da memória e à dificuldade de deixar marcas duradouras. Assim, Benjamin destacava a importância da experiência narrativa como essencial para a historicidade humana. No contexto da minha formação médica, a recuperação de memórias revela experiências que não só possibilitam a resignificação do vivido, mas também abrem caminhos para a ação no presente.

Rememorar faz emergir o que foi vivido, experimentado e aprendido. É como se uma reminiscência, uma imagem súbita de algo que repousava em um canto quase inacessível da minha vida, surgisse à tona. Cada memória resgatada é uma janela aberta para o passado, iluminando o presente com a sabedoria das experiências compartilhadas. Assim, a cada reencontro com minhas histórias, redescubro partes de mim mesmo, tecendo a continuidade do existir, pois o passado traz consigo um índice misterioso que impele à redenção.

Quando olho para o passado, vejo que ele precisa ser contemplado a partir do encontro com o presente. Esse encontro é uma revolução na forma como construo meu pensamento, uma vez que, quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois fatos nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (BENJAMIN 1994)

Escavar e recordar memórias a partir dos diálogos estabelecidos com os personagens diários da minha formação médica exige, como sugere Benjamin, que sejam assinaladas no terreno do hoje. Recorrer à memória do passado para falar do presente revela de que ponto de vista da experiência estou observando e como o lugar da pesquisa não está separado do eu pesquisador.

Narrar o cotidiano ao longo da minha trajetória como estudante de medicina está intimamente ligado à minha própria experiência de vida e ao que me constitui como educador. São momentos e situações que me surpreendem e deixam marcas

profundas na minha história. Ao escavar lembranças e trazê-las para o presente, reconheço que cada interação e cada diálogo não só constrói minha identidade como professor, mas também molda minha percepção do mundo. Cada experiência compartilhada e cada história narrada é um pedaço do caminho da minha jornada.

Narrar uma experiência me permite um movimento duplo: refletir sobre a prática e o trabalho no cotidiano, e, ao mesmo tempo, fortalecer a dimensão política na perspectiva da pesquisa e do conhecimento. Os fragmentos que lembro não se limitam a uma experiência individual; o verdadeiro valor das narrativas reside no que elas podem evocar em quem as escuta ou lê. Cada história que conto é uma semente lançada ao vento, esperando encontrar solo fértil para florescer em novos entendimentos e ações.

Percebo que uma época não se deixa capturar pelos olhos de seus contemporâneos através dos grandes movimentos. São os fragmentos do cotidiano, os pequenos detalhes, os estilhaços das grandes transformações que realmente a revelam. Cada instante, cada nuance do dia a dia, conta uma história que os eventos grandiosos não conseguem narrar. Nas minúcias do presente, encontro a essência de um tempo, aquela que se esconde nos gestos banais e nas rotinas silenciosas. É ali, nos interstícios das grandes mudanças, que a verdadeira natureza se revela, rica em suas texturas e profundidades, aguardando para ser descoberta e sentida. Não me preocupo em utilizar apenas o que é considerado valioso. Em vez disso, trago à tona os resíduos da história e aplico a eles o princípio da montagem. Isto é: erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total. Reunindo fragmentos dispersos, costuro uma narrativa rica e multifacetada, onde cada pedaço esquecido encontra seu lugar e revela novas camadas de significado.

As narrativas que conto e contarei aqui revelam os resíduos, desvios e escapes de um processo de formação que valoriza a importância dos diálogos que não começaram comigo, o estudante, e das perguntas que eu mesmo não fiz. Ao apostar na alteridade entre os personagens do meu cotidiano, vejo uma chance de refletir sobre a habilidade de trocar experiências e, assim, dialogicamente, trocar conhecimentos. Essa troca me autoriza, como adulto, educador e pesquisador, a contar sobre o que foi possível viver e ouvir nessa relação. Meu caderno de registros dessas narrativas torna-se, então, um instrumento importantíssimo dessa pesquisa. Nele, guardo inquietações e indagações, vivências e histórias, a minha voz entrelaçada com as vozes de muitos Outros. Cada página preenchida é um testemunho vivo. E penso que é nessa junção de múltiplas perspectivas que cada fragmento de história contribui para um mosaico mais amplo de compreensão e aprendizado.

As narrativas que compartilho me desafiam a buscar olhar tanto de "fora" quanto de "dentro", e nisso sei que começar consigo, mas não terminar consigo; partir de si, mas não ter a si mesmo como fim. Considero que o verdadeiro objetivo deve ser o mundo e o que podemos oferecer a ele. Assim, percebo que o processo vai além de uma perspectiva autobiográfica, podendo alcançar uma dimensão coletiva e social.

Do mesmo modo, compreendo que uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores. (CLANDININ 2021)

Ao refletir sobre o ato de escrever as experiências, reconstruo a compreensão de que os registros são portadores de histórias – histórias das

práticas (dos equívocos, dos acertos) e das teorias que as fundamentam (mesmo que não estejam explicitadas, pois o registro possibilita esse olhar para o que está por detrás das práticas). Histórias dos afetos e das parcerias, marcadas pelas pessoas que constituem e complementam a nossa formação; histórias de um tempo e de um espaço vividos. Escrever me concede o espaço de autoria e coautoria. Ao organizar memórias, ressignifico experiências, permitindo que o presente analise e reflita sobre as vivências.

4. CONCLUSÕES

Está posto! Assumo o meu lugar: o lugar de colecionador! Acolho a ideia de conhecimento como uma coleção. Descontextualizo um objeto para que ele possa funcionar como texto. Nesse processo, retiro o objeto de seu contexto original, permitindo-lhe novos significados e interpretações. Como um colecionador de experiências, vejo cada fragmento descontextualizado com vida própria, em uma narrativa que me é mais ampla e significativa. Reúno essas histórias pelo que têm em comum, tecendo-as em torno de um tema. Essa aproximação, baseada nas similaridades, cria o efeito de uma coleção harmoniosa com significados. Cada fragmento, antes isolado, encontra seu lugar em um conjunto maior, formando Constelação de experiências interligadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUBER, Martin. **O caminho do homem segundo o ensinamento chassídico**. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: Realizações Editora, 2011. p.38

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 1. ed. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: udufu, 2011. p. 18

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza. In.:Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 223

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006., p. 503

FUJIKAWA, M. M. . **Fragmentos de narrativas: possibilidades e desafios construídos no diálogo entre educadores(as), artistas e autores para a reinvenção dos saberes da vida e da lida**.p. 250).